

17/8/56

## TRISTEZA

**E**U estava no Chile quando foi publicada no Brasil aquela carta que comprometia o sr. Jango Goulart, às vésperas da última eleição. Quando li a carta, tive a nítida impressão de que era falsa. Comuniquei minha impressão a dois brasileiros que trabalhavam comigo, ambos janguistas; e para minha surpresa eles estavam muito assustados, e me perguntaram com ansiedade: «você acha mesmo que é falsa?».

É com uma sincera pena que devo dizer agora da sensacional revelação feita ontem pela «Tribuna da Imprensa» a respeito de um deputado brasileiro, o sr. Jango Goulart, que recebeu 1 milhão de pesos argentinos e 60 mil dólares do governo peronista: ela me parece verdadeira. Tem aquele «cheiro de verdade» que dificilmente engana.

Escrevo minutos depois de circular a «Tribuna da Imprensa», e não conheço até o momento a repercussão dessa «bomba» autêntica, muito mais explosiva que aquela outra, atômica, que a certa altura o sr. Perón anunciou. Imagino que neste momento a Câmara deve estar fervendo; não imagino que tipo de defesa estará fazendo o acusado através de seus amigos e correligionários. O que me dá pena é ver um político tão moço metido em enrascada tão grave.

Porque não há maneira de ajeitar as coisas: ou o sr. Jango prova de maneira absolutamente certa que a acusação é falsa ou ele deve se demitir imediatamente da vice-presidência da República e da direção do Partido Trabalhista. Não sei em que artigo de que Código está previsto o crime que ele praticou. Espero, entretanto, que ele não tenha o mau gosto de fazer qualquer chicana jurídica. A questão é muito mais do que jurídica: é uma questão de vergonha nacional. A única atitude a tomar pelo sr. Jango é cassar a si mesmo todos os direitos políticos e voltar para a estância da qual em tão má hora o tirou seu falecido padrinho.

Se ele não o fizer por conta própria e não provar de maneira absoluta sua inocência, que ninguém se iluda: o país não sossegará enquanto tiver na presidência do Senado e, ocasionalmente, no Catete, um homem que «comeu bola» de um ditador vizinho para influir em uma eleição brasileira. Não há general Lott que tenha força para apadrinhá-lo, não há «jeitinho» que possa salvá-lo, não há nada. A vergonha é tão grande que até as vacas da estância de São Borja hão de corar e chorar e mugir de tristeza por estarem comendo em pasto brasileiro.

O general Perón mal conseguia disfarçar sua arrogância e seu desprezo quando se referia ao Brasil. Baixemos a cabeça, ele tinha razão: o Brasil que ele conhecia e com que lidava era esse Brasil vacuum de jangos e luzardos, flores do varguismo fronteiriço, patriotas de contrabando.

Não é tempo de mostrar que há outro Brasil? Ou será que não há?